



A NARRATIVA  
URSULA K.  
LE GUIN

Amor

# A Narrativa

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2000 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-100-2

*Translated from original The Telling. Copyright © 2000 by Ursula K. Le Guin. The moral rights of the author have been asserted. ISBN 9781598535396. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates and Ginger Clark Literary, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L522n  
Le Guin, Ursula K.?  
A Narrativa / Ursula K. Le Guin; tradução de Nathalia Marques. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Morro Branco, 2026.  
220 p.; il.; 13,7 x 21 cm.  
ISBN 978-65-6099-100-2  
1. Ficção Científica. 2. Literatura de ficção científica.  
3. Narrativa fantástica. I. Título. II. Marques, Nathalia.  
CDD 813.54

### Índice para catálogo sistemático

1. Ficção norte-americana contemporânea (813.54)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutiús

**Coordenadora Editorial:** Illysbelle Trajano

**Produtoras da Obra:** Beatriz de Assis & Luana Maura

**Tradução:** Nathalia Marques

**Copidesque:** Marcia Men

**Revisão:** Ellen Andrade

**Diagramação:** Natalia Silva

**Ilustração:** Amanda Carla



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Editora  
afiliada à:





# A NARRATIVA URSULA K. LE GUIN

Coleção  
Ciclo Hainish

Tradução  
Nathalia Marques



MORROBRANCO  
EDITORA





# Sumário

1. I	3
2. II	25
3. III	39
4. IV	67
5. V	103
6. VI	129
7. VII	157
8. VIII	177
9. IX	209

Amostra

*No dia em que nasci cometi o meu primeiro erro,  
e por este caminho  
venho buscando a sabedoria desde então.*

**O MAHABHARATA**

Amostra



# I

Quando Sutti voltava à Terra durante o dia, era sempre para a vila. À noite, era para o Pálido.

Amarelo de latão, amarelo de pasta de açafão e de arroz cozido com açafão-da-terra, laranja de calêndulas, laranja fosco da névoa de poeira ao pôr do sol sobre os campos, vermelho de hena, vermelho de flor-da-paixão, vermelho de sangue seco, vermelho de barro; todas as cores da luz do sol durante o dia. Um sopro de assa-fétida. O murmúrio de riacho das fofocas da tia com a mãe de Moti na varanda. A mão escura do tio Hurree imóvel sobre uma página branca. O olho bondoso do porquinho Ganesh. Um fósforo riscado e o redemoinho cinza espesso da fumaça de incenso: pungente, vívida, desaparecida. Cheiros, vislumbres, ecos que flutuavam ou cintilavam em sua mente enquanto caminhava pelas ruas, comia ou dava um tempo do bombardeio sensorial dos neorreais que ela era obrigada a partissar, durante o dia, sob o outro sol.

Mas a noite é igual em qualquer mundo. A ausência da luz é somente isso. E na escuridão, ela estava no Pálido. Não em sonho, nunca em sonho. Acordada, antes de dormir, ou quando despertava de um sonho, inquieta e tensa, sem conseguir voltar a dormir. Uma cena começava a se formar, não em fragmentos doces e luminosos, mas como a lembrança completa de um lugar e de um espaço de tempo; e, uma vez que a memória

começava, ela não conseguia detê-la. Tinha que revivê-la até que a memória a libertasse. Talvez fosse uma espécie de punição, como o castigo dos amantes no Inferno de Dante, a lembrança de ter sido feliz. Mas aqueles amantes tinham sorte, lembravam-se juntos.

A chuva. O primeiro inverno na chuva de Vancouver. O céu como um teto de chumbo, pesando sobre os topos dos edifícios, achatando as enormes montanhas escuras por trás da cidade. Ao sul, a água cinzenta e áspera do Estreito, sob a qual jazia a Velha Vancouver, submersa pela subida do mar há muito tempo. Granizo escuro nas ruas de asfalto brilhante. Vento, o vento que a fazia ganir como um cachorro e se encolher, tremendo com um entusiasmo assustado, era tão feroz e intenso, aquele vento gelado vindo do Ártico, o sopro congelante do urso das neves. Atravessava seu casaco fino, mas suas botas eram quentes, botas enormes, pretas, plásticas e feias, chapinhando nas sarjetas, e logo ela estaria em casa. Aquela frio terrível trazia segurança. As pessoas passavam apressadas, sem se incomodar umas com as outras, todo ódio e paixão congelados. Ela gostava do Norte, do frio, da chuva, da bela e lúgubre cidade.

A tia parecia tão pequena ali, pequena e efêmera, como uma borboletinha. Um sari de algodão vermelho e laranja, pulseirinhas finas de latão em pulsos como os de um inseto. Embora houvesse muitos indianos e indo-canadenses ali, muitos vizinhos, a tia parecia pequena mesmo entre eles, deslocada, fora do lugar. Seu sorriso parecia estranho, como quem pede desculpas. Tinha que usar sapatos e meias o tempo todo. Seus pés só reapareciam quando se preparava para dormir, os pequenos pés marrons de grande personalidade, que na vila tinham sido uma parte visível dela, tanto quanto suas mãos, seus olhos. Ali, seus pés permaneciam guardados em estojos de couro, amputados pelo frio. Por isso, não andava muito, não corria pela casa, não se agitava na cozinha. Sentava-se junto ao aquecedor na sala da frente, enrolada

em um cobertor de lã tricotado, pálido e puído, como uma borboleta voltando ao casulo. Indo embora, cada vez mais longe, mas não através de passos.

Sutty achava que agora era mais fácil entender seu pai e sua mãe, quase desconhecidos por quinze anos, do que a tia, cujo colo e braços tinham sido seu refúgio. Era encantador descobrir os pais, o bom humor e a inteligência da mãe, os esforços tímidos e desajeitados do pai em demonstrar carinho. Conversar com eles como adulta, sabendo que ainda era amada de forma incondicional como filha, era fácil, era encantador. Falavam sobre tudo, descobriam-se mutuamente. Enquanto a tia se encolhia, desaparecia aos poucos, de forma sutil, aparentemente não indo a lugar algum, de volta à vila, ao túmulo do tio Hurree.

Chegou a primavera, chegou o medo. A luz do sol voltava ao norte, comprida e pálida como um adolescente, com seu brilho prateado e sombrio. Pequenas ameixeiras cor-de-rosa floresciam pelas ruas do bairro. Os Padres declararam que o Tratado de Pequim ia de encontro à Doutrina do Destino Único e deveria ser revogado. Os Pálidos deveriam ser abertos, disseram os Padres, suas populações deveriam receber a Luz Sagrada, suas escolas deveriam ser purificadas da descrença, expurgadas do erro e da devassidão estrangeira. Os que insistissem no pecado deveriam ser reeducados.

A mãe passava os dias no escritório da Link, voltando para casa tarde e soturna. Esta é a última investida deles, dissera ela; se fizerem isso, não teremos outra alternativa a não ser a clandestinidade.

No fim de março, um esquadrão de aviões da Hoste de Deus voou do Colorado até o Distrito de Washington e bombardeou a biblioteca de lá, avião depois de avião, quatro horas de bombardeio que transformaram séculos de história e milhões de livros em pó. Washington não era um Pálido, mas o belo prédio antigo, embora frequentemente fechado, trancado e

vigiado, jamais havia sido atacado; resistira a todos os tempos de crise e de guerra, de colapso e de revolução, até este. O Tempo da Purificação. O Comandante-Geral das Hostes do Senhor anunciou o bombardeio enquanto ele ainda acontecia, como uma ação educativa. Só existia uma Palavra, só um Livro. Todas as outras palavras, todos os outros livros eram trevas, eram erro. Eram pó. *Que o Senhor resplandeça!*, bradavam os pilotos em seus uniformes brancos e máscaras-espelho, de volta à igreja na Base do Colorado, encarando sem rosto as câmeras e as multidões que cantavam e dançavam em êxtase. *Limpem a imundície e deixem que o Senhor resplandeça!*

Mas o novo Emissário que havia chegado de Hain no ano anterior, Dalzul, estava falando com os Padres. Ele fora admitido no Santuário. Havia neorreais, holos e 2Ds dele na rede e na *Palavra de Deus*. Ao que parecia, o Comandante-Geral das Hostes não havia recebido ordens dos Padres para destruir a Biblioteca de Washington. O erro, claro, não era do Comandante-Geral. Os Padres não cometem erros. O zelo dos pilotos fora excessivo, sua ação, não autorizada. A ordem chegou do Santuário: os pilotos deveriam ser punidos. Foram levados à frente das fileiras, das multidões e das câmeras, publicamente despojados de suas armas e de seus uniformes brancos. Seus capuzes foram retirados, seus rostos, expostos. Foram conduzidos, envergonhados, à reeducação.

Tudo isso estava na rede, embora Suttu pudesse assistir sem precisar partissar, já que o Padre havia desligado os vr-próprios. A *Palavra de Deus* também estava cheia disso. E cheia do novo Emissário, de novo. Dalzul era um terrano. Nascido aqui mesmo, na Terra de Deus, diziam. Um homem que compreendia os homens da Terra como nenhum alienígena jamais poderia, diziam. Um homem vindo das estrelas que viera se ajoelhar aos pés dos Padres para discutir a implementação das intenções pacíficas tanto do Santo Ofício quanto do Ekumen.

— Belo rapaz — disse a mãe, espiando. — O que ele é? Um homem branco?

— Até demais — respondeu o pai.

— De onde será que ele é?

Mas ninguém sabia. Islândia, Irlanda, Sibéria, todos tinham uma versão diferente. Todos concordavam que Dalzul tinha deixado a Terra para estudar em Hain. Ele se qualificara rapidamente como Observador, depois como Móvel, e então foi enviado de volta para casa: o primeiro Emissário terrano a voltar à Terra.

— Ele partiu há mais de um século — disse a mãe. — Antes dos unistas tomarem o Leste da Ásia e a Europa. Antes mesmo de terem grande relevância na Ásia Ocidental. Vai perceber que o mundo mudou bastante.

Sortudo, pensava Sutti. Sortudo, sortudo de verdade! Ele escapou, foi para Hain, estudou na Escola em Ve, esteve onde não é tudo sobre Deus e ódio, onde as pessoas viveram um milhão de anos de história, onde compreendem tudo!

Naquela mesma noite, ela disse à mãe e ao pai que queria estudar na Escola de Treinamento, para tentar se qualificar para a Faculdade Ekumênica. Disse isso com muita timidez e descobriu que eles não ficaram perturbados, nem mesmo surpresos.

— No momento, parece ótimo sair deste mundo — disse a mãe.

Eles pareciam tão calmos e compreensivos que ela pensou: *Será que eles não percebem que, se eu me qualificar e for enviada a um dos outros mundos, nunca mais me verão?* Cinquenta anos, cem, centenas, as viagens de ida e volta para o espaço raramente duravam menos que isso, muitas vezes mais. *Eles não se importam?* Só mais tarde naquela noite, enquanto observava o perfil do pai à mesa, os lábios cheios, o nariz adunco, o cabelo começando a ficar grisalho, um rosto severo e frágil, é que lhe ocorreu que, se ela fosse enviada a outro

mundo, também nunca mais os veria. Presença breve e ausência longa, isso foi tudo o que ela e eles sempre tiveram. E souberam aproveitar da melhor forma.

— Coma, tia — disse a mãe, mas a tia apenas afagou o pedaço de *naan* com seus dedinhos de antena de formiga e não o pegou.

— Impossível fazer um bom pão com essa farinha — falou ela, livrando o padeiro da culpa.

— Você foi mimada, morando na vila — provocou a mãe. — É da melhor qualidade que se pode conseguir no Canadá. Melhor qualidade de palha picada e poeira de gesso.

— Sim, fui mimada — disse a tia, sorrindo de um país distante.

▪

Os slogans antigos estavam gravados nas fachadas dos edifícios: ADIANTE RUMO AO FUTURO. PRODUTORES-CONSUMIDORES DE AKA MARCHAM PARA AS ESTRELAS. Slogans mais recentes percorriam os prédios em faixas de exibição eletrônicas ofuscantes: O PENSAMENTO REACIONÁRIO É O INIMIGO DERROTADO. Quando os painéis falhavam, as mensagens se tornavam enigmáticas: AV AO FUT. Os mais novos pairavam em holopro sobre as ruas: A CIÊNCIA PURA DESTRÓI A CORRUPÇÃO. ACIMA, AVANTE, ADIANTE. Músicas também soavam junto a eles, altamente ritmadas, com múltiplas vozes, preenchendo o ar. “Avante, avante para as estrelas!”, entoava um coro invisível para o trânsito parado no cruzamento onde o robotáxi de Sutti estava. Ela aumentou o som do carro para abafar a melodia externa. “A superstição é um cadáver em decomposição”, dizia o sistema de som em uma voz masculina grave e atraente. “Práticas supersticiosas contaminam as mentes jovens. É responsabilidade de todo cidadão, adulto ou estudante, denunciar ensinamentos reacionários e reportar professores que permitam sedição ou introduzam irracionalidade e

superstição em sala de aula às autoridades competentes. À luz da Ciência Pura, sabemos que a cooperação ardente de todo o povo é o primeiro requisito para...” Sully abaixou o volume até o mínimo. O coro voltou a entoar: “Para as estrelas! Para as estrelas!”, e o robotáxi avançou mais meio metro. Mais dois solavancos e talvez ele conseguisse atravessar o cruzamento no próximo ciclo de tráfego.

Sutty tateou os bolsos do casaco em busca de um akagest, mas já tinha comido todos. Estava com dor de estômago. Comida ruim, vinha comendo comida ruim demais por tempo demais, alimentos processados cheios de proteína, temperos e estimulantes, de forma que era necessário comprar os malditos akagests. E os malditos engarrafamentos desnecessários porque os malditos carros malfeitos quebravam o tempo todo, e o barulho constante, os slogans, as músicas, a propaganda, um povo hipnotizando a si mesmo para cometer todos os erros que qualquer outra população em modo de tecnologia-FF já havia cometido. Errado.

Julgamento precipitado. Errado deixar a frustração nublar seu raciocínio e sua percepção. Errado admitir preconceito. Olhar, escutar, perceber: observar. Esse era o trabalho dela. Aquele não era o seu mundo.

Mas ela estava nele, dentro dele, como poderia observar algo do qual não tem como se afastar? Ou era a hiperestimulação dos neorreais que ela precisava estudar, ou o clamor das ruas: nenhum lugar para escapar da agressão interminável da propaganda, a não ser quando estava sozinha em seu apartamento, isolada do mundo que tinha ido observar.

O fato era que ela não era adequada para ser uma Observadora ali. Em outras palavras, tinha fracassado em sua primeira missão. Sabia que o Emissário a havia convocado para lhe dizer isso.

Já estava quase atrasada para o compromisso. O robotáxi deu mais um solavanco, e o sistema de som aumentou sozinho

para um dos comunicados da Corporação que ignoravam os ajustes de volume. Não havia botão de desligar. “Comunicado do Departamento de Astronáutica!”, disse uma voz feminina vibrante, autoconfiante e cheia de energia, e Sully tapou os ouvidos com as mãos e gritou:

— Cala a boca!

“As portas do veículo estão fechadas”, disse o robotáxi em uma voz mecânica e sem emoção designada para máquinas que respondem a comandos verbais. Sully percebeu que era engraçado, mas não conseguiu rir. O anúncio continuou e continuou enquanto as vozes agudas no ar entoavam: “Cada vez maior, cada vez melhor, marchando para as estrelas!”

O Emissário do Ekumen, um chiffewariano com olhos de cervo chamado Tong Ov, chegou ainda mais atrasado que ela para o compromisso, pois tinha sido detido na saída de seu prédio por uma falha no sistema de triagem ZIL, sobre o qual ele comentou rindo.

— E o sistema daqui extraviou o micrograv que eu queria te entregar — contou ele, procurando nos arquivos em seu escritório. — Eu o codifiquei, porque é claro que eles vasculham os arquivos, e meu código confundiu o sistema. Mas eu sei que está por aqui... Enquanto isso, me diga como andam as coisas.

— Bem — disse Sully, e fez uma pausa. Estava há meses falando e pensando no idioma dovzano. Precisou vasculhar seus próprios arquivos por um instante: hindi, não, inglês, não, hainiano, sim. — Você me pediu um relatório sobre a língua e a literatura contemporâneas. Mas as mudanças sociais que ocorreram aqui enquanto eu estava no caminho... Bem, como agora é ilegal falar ou estudar qualquer outro idioma além do dovzano e do hainiano, não posso trabalhar com outras línguas. Se é que ainda existem. Quanto ao dovzano, os Primeiros Observadores já fizeram um levantamento linguístico bastante completo. Posso apenas acrescentar detalhes e vocabulário.

— E quanto à literatura? — perguntou Tong.

— Tudo o que foi registrado nos antigos sistemas de escrita foi destruído. Ou, se ainda existe, eu não sei o que é, porque o Ministério não permite acesso. Então tudo o que consegui estudar foi literatura oral moderna. Toda produzida segundo as especificações da Corporação. Tende a ser muito... muito padronizada.

Ela olhou para Tong Ov para ver se sua choradeira o entediava, mas, embora ainda procurasse o arquivo extraviado, ele parecia escutar com grande interesse.

— Toda oral, não é?

— Exceto pelos manuais da Corporação, quase nada é impresso, a não ser impressões para pessoas surdas e cartilhas que acompanham os textos sonoros para iniciantes... A campanha contra os antigos sistemas ideográficos parece ter sido muito intensa. Talvez tenha feito com que as pessoas ficassem com medo de escrever, feito com que desconfiassem da escrita em geral. De qualquer forma, tudo o que consegui acessar em termos de literatura foram as fitas sonoras e neorreais. Publicadas pelo Ministério Mundial da Informação e pelo Ministério Central da Poesia e Arte. A maioria das obras, na verdade, é material informativo ou educacional, mais do que, bem, do que literatura ou poesia, no sentido em que entendo esses termos. Embora muitos dos neorreais sejam dramatizações de problemas e soluções práticos ou éticos... — Ela estava se esforçando tanto para falar de maneira factual, sem julgamentos, sem preconceitos, que o tom de sua voz era completamente uniforme.

— Parece entediante — disse Tong, ainda vasculhando os arquivos.

— Bem, eu... acho que sou insensível a essa estética. É tão profundamente e, e, e tão rigidamente política. Claro que toda arte é política. Mas quando é *inteiramente* didática, inteiramente a serviço de um sistema de crenças, tenho ressentimento, quer dizer, tenho resistência a isso. Mas tento

não ter. Talvez, já que eles essencialmente apagaram sua história... Claro que não tinha como saber que estavam à beira de uma revolução cultural na época em que fui enviada para cá... Mas, de qualquer forma, para essa missão específica de Observação, talvez uma terrana não tenha sido uma boa escolha. Levando em consideração que nós, na Terra, estamos vivendo o futuro de um povo que negou seu passado.

Ela parou de repente, horrorizada com tudo o que havia dito.

Tong se virou para ela, sem nenhum horror. Ele disse:

— Não me surpreende que você sinta que está tentando fazer o impossível. Mas eu precisava da sua opinião. Então, para mim, valeu a pena. Para você, porém, foi exaustivo. Uma mudança se faz necessária. — Havia um brilho nos olhos escuros dele. — O que acha de subir o rio?

— O rio?

— É um jeito de dizer “ir para o interior”, não é? Mas, na verdade, eu me referia ao Ereha.

Quando ele disse o nome, ela se lembrou de que um grande rio atravessava a capital, parcialmente coberto por pavimento e oculto por edifícios e diques, a ponto de ela não se lembrar de já tê-lo visto fora dos mapas.

— Você quer dizer sair da cidade de Dozva?

— Sim — respondeu Tong. — Sair da cidade! E sem ser numa excursão guiada! Pela primeira vez em cinquenta anos! — Ele sorriu como uma criança abrindo um presente, revelando uma bela surpresa. — Estou aqui há dois anos e fiz oitenta e um pedidos de autorização para enviar um membro da equipe para viver ou ficar em algum lugar fora da cidade de Dozva, ou de Kangnegne, ou de Ert. Oitenta vezes educadamente ignorado, com ofertas de mais uma visita guiada às instalações do programa espacial ou à beleza da primavera nas Ilhas Orientais. Eu fazia esses pedidos por hábito, por reflexo. E de repente um deles foi aprovado! Sim! Um membro da sua equipe está autorizado a passar um mês em Okzat-Ozkat. Ou será que

é Ozkat-Okzat? É uma cidadezinha nas colinas, rio acima. O Ereha nasce na Cordilheira das Nascentes Altas, a cerca de mil e quinhentos quilômetros para o interior. Pedi por aquela área, Rangma, sem esperar conseguir, e consegui! — Ele sorriu de orelha a orelha.

— Por que lá?

— Ouvi falar de algumas pessoas da região que parecem interessantes.

— Um grupo étnico remanescente? — perguntou ela, esperançosa. No início de sua estada, quando conheceu Tong Ov e os outros dois Observadores então presentes na cidade de Dovza, todos discutiram o massivo monoculturalismo do Aka moderno em suas cidades grandes, os únicos locais onde os pouquíssimos extraplanetários autorizados no planeta podiam viver. Todos estavam convencidos de que a sociedade akaniana devia ter diversidades e variações regionais, e se sentiam frustrados por não terem como descobri-las.

— Sectário, eu suspeito, mais do que étnico. Um culto. Possivelmente remanescentes escondidos de uma religião banida.

— Ah — disse ela, tentando manter a expressão interessada. Tong ainda vasculhava seus arquivos.

— Estou procurando o pouco que consegui reunir sobre o assunto. Relatórios do Departamento Sociocultural sobre atividades criminosas de cultos anticientíficos sobreviventes. E também alguns rumores e histórias. Rituais secretos, caminhar sobre o vento, curas milagrosas, previsões do futuro. O de sempre.

Herdar uma história de três milhões de anos era descobrir que havia pouco no comportamento ou na invenção humana que pudesse ser chamado de incomum. Embora os hainianos carregassem isso com leveza, era um fardo para seus diversos descendentes saber que teriam dificuldades em encontrar algo novo, mesmo que apenas imaginado, sob qualquer sol.

Sutty não disse nada.

— Chegou alguma coisa sobre religiões até vocês — continuou Tong — no material que os Primeiros Observadores daqui enviaram à Terra?

— Bem, como nada além do relatório linguístico chegou intacto, as informações sobre qualquer coisa eram praticamente só o que a gente conseguia inferir a partir do vocabulário.

— Todas aquelas informações vindas das únicas pessoas que já puderem estudar Aka livremente... perdidas por causa de uma falha — disse Tong, recostando-se enquanto uma busca se completava em seus arquivos. — Que azar terrível! Ou será que foi mesmo uma falha?

Como todo chiffewariano, Tong não possuía pelos no corpo — um chihuahua, no jargão de Valparaíso. Para minimizar seu aspecto exótico ali, onde a calvície era bastante incomum, usava um chapéu; mas já que os akanianos raramente usavam chapéu, talvez parecesse ainda mais estranho com ele do que sem. Era um homem de modos gentis, informal, direto, e deixava Sutty tão à vontade quanto possível; ainda assim, era tão longe de ser invasivo que, no fim, parecia distante. Ela era grata por ele respeitar seu distanciamento. Até agora, ele mantivera o dele. Mas ela sentiu uma certa dissimulação na pergunta dele. Ele sabia, com certeza, que a perda da transmissão não tinha sido um acidente. Por que ela deveria ter que explicar? Já havia deixado claro que viajava sem bagagem, como faziam os Observadores e Móveis que já estavam no espaço há séculos. Ela não era responsável pelo lugar que deixara há sessenta anos-luz. Não era responsável pela Terra e seu terrorismo sagrado.

Mas o silêncio se prolongava, e por fim ela disse:

— O ansível de Pequim foi sabotado.

— Sabotado?

Ela assentiu.

— Pelos unistas?